

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE GOIÁS
CURSO DE LETRAS: PORTUGUÊS/INGLÊS

AS OCORRÊNCIAS DE “NH” E “LH” NA FALA DE
INFORMANTES DA CIDADE DE GOIÁS SOB A
PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Suzana Aparecida da Abadia

GOIÁS, 2º SEMESTRE, 2011

SUZANA APARECIDA DA ABADIA

AS OCORRÊNCIAS DE “NH” E “LH” NA FALA DE
INFORMANTES DA CIDADE DE GOIÁS SOB A
PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Monografia apresentada ao curso Letras: português/inglês da Universidade Universitária de Goiás – UEG, como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras: português/inglês.

Orientadora: Professora MS. Cássia Regina Pereira Rosa.

GOIÁS, 2º SEMESTRE, 2011

SUZANA APARECIDA DA ABADIA

AS OCORRÊNCIAS DE “NH” E “LH” NA FALA DE
INFORMANTES DA CIDADE DE GOIÁS SOB A
PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Monografia apresentada ao curso Letras:
português/inglês da Universidade Universitária
de Goiás – UEG, como um dos requisitos para
a obtenção do grau de licenciatura plena em
Letras: português/inglês.

Aprovada em ____/____/____.

Banca examinadora

Orientadora: Prof^a MS. Cássia Regina Pereira Rosa - UnU de Goiás/ UEG.

Examinadora: Prof^a Ieda Regina do Carmo - UnU de Goiás/ UEG.

Examinadora: Prof^a Núbia Teodora Cunha Mateus - UnU de Goiás/ UEG.

À minha mãe Divina, ao meu namorado Antonio, a minha irmã Nubiana e em especial ao meu pai Sebastião, minha irmã Núbia e meu irmão José que dorme em um sono eterno.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar saúde, inteligência e perseverança para chegar até aqui.

Agradeço a uma pessoa muito especial, que sem sua força e seu apoio, jamais teria chegado até aqui, essa pessoa foi meu incentivador e o meu marco de vida.

Minha querida mãe Divina.

Agradeço ao meu namorado Antonio.

Agradeço a minha irmã Nubiana.

Agradeço com carinho à minha orientadora Cássia Regina, que dedicou o seu tempo para que esse trabalho pudesse ser concluído.

Aqui deixo os meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram direto ou indiretamente para que esse trabalho fosse concluído com sucesso.

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros; vinha da boca do povo na língua errada do povo, língua certa do povo. Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil.

Manuel Bandeira

RESUMO

O presente estudo pretende apresentar de forma breve algumas considerações acerca da fala dos informantes da cidade de Goiás/GO, ressaltando especificamente as variações fonético-fonológicas em ocorrências de vocábulos com os dígrafos –nh e –lh, que são representados pelos segmentos [ɲ] para o dígrafo - nh e [ʎ] para o dígrafo - lh. Os pressupostos teóricos da sociolingüística (Labov, Bagno, Mollica; Braga; Cezário; Votre, entre outros) são fundamentais para o desenvolvimento da monografia porque esta subárea da sociolingüística considera a fala como uma unidade de análise e, principalmente, as variações linguísticas como regulares e passíveis de explicações tanto linguísticas como extralinguísticas. Para a obtenção dos dados relacionados á fala dos moradores da cidade de Goiás optamos por realizar uma pesquisa de campo.

Palavras-chave: sociolingüística - variação – variantes - fenômenos fonético-fonológicos.

ABSTRACT

The current work intends to show briefly some considerations about the speech from the informants of the Goiás/GO city, highlighting specifically the phonetic and phonologic variations in occurrences of words with the digraphs –nh and –lh, which are represented by the segments [ɲ] to the digraph –nh and [ʎ] to the digraph –lh. The theoretical assumptions of sociolinguistic consider the speech as an analysis unit and, mainly, the linguistic variations as regular and capable of explanation both linguistics and extra linguistics. For data collection of the speech of Goiás city residents we opted by realize a field research.

Key-Words: Sociolinguistic, variation, variants, phonetic phonologic phenomenon.

LISTA DE SIGLAS.

Festival Internacional de Cinema Ambiental (FICA)

Português Brasileiro (PB)

Ensinos Jovens e Adultos (EJA)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A SOCIOLINGUÍSTICA	12
1.1 Histórico.....	12
1.2 O enfoque da sociolinguística variacionista.....	17
1.3 Variedades, variável e variante linguística.....	20
2 O USO DO - NH E - LH NO PORTUGUÊS DO BRASIL	23
2.1 Fonética e Fonologia	23
2.2 Breve descrição da realização dos dígrafos -nh e -lh a partir da fonética e da fonologia.....	24
2.3 Processos fonológicos relacionados às ocorrências de nh e lh	30
2.4 Traços graduais e os traços descontínuos	31
3 METODOLOGIA	34
4 ANÁLISE DE DADOS	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	47

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por finalidade o desenvolvimento de um estudo acerca da fala dos informantes da cidade de Goiás, ressaltando especificamente as variações fonético-fonológicas em ocorrências de vocábulos com os dígrafos -nh e -lh, que são representados pelos segmentos [ɲ] para o dígrafo -nh e [ʎ] para o dígrafo -lh.

A pronúncia dos chamados dígrafos -nh e -lh, nomenclatura postulada em termos de língua escrita, pode sofrer variação na fala em termos fonético-fonológico no uso da língua em geral. Essa consideração das variações é postulada pela subárea da linguística denominada Sociolinguística. É importante ressaltar que a variação dependerá tanto de fatores linguísticos quanto de fatores extralinguísticos, por isso é importante que ela possa ser constatada, descrita e analisada com rigor científico e não por meio de julgamentos apressados e sem embasamento teórico por pessoas que dizem: “essa pronúncia está errada” e “esse jeito de falar é feio”.

Considerando que a língua é heterogênea e, por isso, variável, podemos afirmar que, na comunidade de falantes da cidade de Goiás, ocorrem variações fonético-fonológicas na pronúncia do -nh e do -lh e isso faz com que seja necessário promover uma investigação para mapear os contextos nos quais as variações ocorrem e os motivos que levam ao uso das variações, que podem ser de ordem linguística e extralinguística.

O foco deste estudo monográfico visa ainda esclarecer que as variações fonético-fonológicas existem, são regulares e podem ser perfeitamente explicadas por meio da sociolinguística variacionista

Diante disso, a monografia será dividida da seguinte maneira: no primeiro capítulo serão apresentados os pressupostos teóricos da sociolinguística; no segundo capítulo serão explicitados os fonemas da fala que representam os dígrafos -nh e -lh no Português do Brasil, destacando as características fonéticas e fonológicas deles; o terceiro capítulo tratará da metodologia que foi utilizada para a realização da pesquisa (revisão bibliográfica e pesquisa de campo). O quarto

capítulo contempla a análise de dados referentes às ocorrências do –nh e -lh encontradas na fala dos informantes da cidade de Goiás.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais acerca do estudo realizado, destacando os resultados observados e a relevância deles. Logo em seguida, aparecem as referências que foram utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa, e por último, os anexos e apêndices.

CAPÍTULO 1- A SOCIOLINGUÍSTICA

1.1 Histórico

A elaboração deste capítulo se justifica pela importância em utilizar os pressupostos teóricos da sociolinguística para evidenciar a ocorrência da variação fonológica dos dígrafos –nh e –lh no uso da língua portuguesa pelos falantes da cidade de Goiás. Sendo assim, neste capítulo vamos falar sobre a sociolinguística de forma geral e, especificamente, sobre a corrente da sociolinguística denominada variacionista.

Para falar acerca da sociolinguística, temos que delimitar o panorama de estudos linguísticos imediatamente anteriores a essa corrente. Assim, não podemos deixar de falar sobre o estruturalismo e o gerativismo, já que a sociolinguística veio para contrapor algumas ideias que essas duas correntes defendiam.

Primeiramente, vamos destacar a proposta de Saussure (1999) sobre língua e linguagem:

Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu toda a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 1999, p. 17)

Saussure (1999) ainda afirma que a língua “é a parte social da linguagem” (p. 22). O autor salienta que: “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc.” (SAUSSURE, 1999, p. 24).

Saussure (1999) destaca ainda outro elemento importante que faz parte da linguagem, a fala: “Nada existe, portanto, de coletivo na fala; suas manifestações são individuais e momentâneas” (p. 28).

Portanto, a linguagem divide-se em duas partes, de acordo com Saussure (1999):

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive à fonação e é psicofísica.

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes (SAUSSURE, 1999, p.27).

Então podemos dizer que para Saussure (1999) a língua é social e a fala individual, mas não há a fala sem a língua, sendo que as duas juntas fazem parte da linguagem. Mas, para Saussure (1999, p.28), o único objeto de estudo da linguística é a língua.

O próprio Saussure (1999, p.81), já vislumbrava as diferenças entre a língua e a fala:

Língua opõe-se a fala, porque a língua é coletiva e a fala é particular, portanto, a *língua* é um dado social e a *fala* é um dado individual. Além disso, a *língua* é sistemática e a *fala* é assistemática. Pessoas que falam a mesma *língua* conseguem comunicar-se porque, apesar das diferentes *falas*, há o uso da mesma *língua* (SAUSSURE, 1999, p. 26-28).

Chomsky (1957 *apud* Petter, 2007, p. 14) também apresentou suas considerações sobre língua e linguagem para evidenciar os estudos gerativistas. No seu livro *Syntactic Structures*, ele ressalta que “Doravante considerarei uma linguagem como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada um finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos” (CHOMSKY

apud FIORIN, 2004, p. 14). Para Chomsky (1957, p. 13, *apud* Petter, 2007, p. 14) todas as línguas naturais são, tanto na forma falada quanto na forma escrita, linguagens.

Em relação à descrição das línguas naturais, Chomsky (1957 *apud* Petter, 2007, p. 15) afirma que “toda língua natural possui um número finito de sons; mesmo que as sentenças distintas da língua sejam em número infinito cada sentença só pode ser representada como uma sequência finita desses sons (ou letras)”.

Petter (2007) afirma ainda que:

A análise das línguas naturais deve permitir determinar as propriedades estruturais que distinguem a língua natural de outras linguagens. Chomsky acredita que tais propriedades são tão abstratas, complexas e específicas que não poderiam ser aprendidas a partir do nada por uma criança em fase de aquisição da linguagem. Essas propriedades já devem ser “conhecidas” da criança antes de seu contato com qualquer língua natural e devem ser acionadas durante o processo de aquisição da linguagem. Para Chomsky, portanto, a linguagem é uma capacidade inata e específica da espécie, isto é, transmitida geneticamente e própria da espécie humana. (PETTER, 2007, p.15)

Saussure (1999) faz uma distinção entre língua e fala já Chomsky (1957) faz uma distinção entre competência de desempenho. Petter (2007) fala sobre isso:

A competência linguística é a porção do conhecimento do sistema linguístico do falante que lhe permite produzir o conjunto de sentenças de sua língua: é um conjunto de regras que o falante construiu em sua mente pela aplicação de sua capacidade inata para a aquisição da linguagem aos dados linguísticos que ouviu durante a infância. O desempenho corresponde ao comportamento linguístico, que resulta não somente da competência linguística do falante, mas também de fatores não linguísticos de ordem variada como: convenções sociais, crenças, atitudes emocionais do falante em relação ao que dizem, pressupostos sobre as atitudes do interlocutor etc., de um lado: e de outro, o funcionamento dos mecanismos psicológicos e fisiológicos envolvidos na produção dos enunciados. O desempenho pressupõe a competência, ao passo que a competência não pressupõe desempenho. A tarefa do linguista é descrever a competência, que é puramente linguística, subjacente ao desempenho (PETTER, 2007, p. 15).

Dell Hymes foi o primeiro sociolinguista que contrapôs a teoria de Chomsky quanto ao conceito de competência linguística ou gramatical. Ele traz, assim, o

conceito de competência comunicativa. Segundo Braggio (1992, p.31) a ideia de que a linguística só descreveria a competência de “um falante-ouvinte ideal numa comunidade homogênea de fala capacitada somente com competência gramatical, seria insustentável, constituindo-se este falante numa espécie de monstro cultural”.

De acordo com Braggio (1992, p.32), a competência comunicativa, “segundo Hymes, é adquirida pela criança ao mesmo tempo em que a competência gramatical, continuando seu desenvolvimento em vista das contínuas interações sociais”.

Braggio (1992) diz ainda que Hymes sugere o uso da etnografia da fala, ou seja, uma abordagem da fala focalizando como as pessoas realmente falam, isto é, como elas mantêm uma conversação e o que acontece durante esta conversação.

Diante do exposto acerca das correntes anteriores à sociolinguística, o estruturalismo e o gerativismo podem afirmar que foi a partir das considerações delas que os estudos sociolinguísticos que enfatizam a língua em uso passaram a ganhar espaço. Uma das grandes mudanças que a sociolinguística trouxe para os estudos da linguagem foi à concepção de língua como substrato coletivo.

Nesse sentido, a sociolinguística, segundo Mollica e Braga (2007):

(...) é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre línguas e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA; BRAGA 2007, p. 09)

O termo Sociolinguística começou a ganhar espaço nos Estados Unidos a partir de década de 1960. O iniciador desse modelo teórico-metodológico é o americano William Labov. Este último insistia na relação entre a língua e a sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente própria da língua falada.

Segundo Silva (2011), em seu *Dicionário de Fonética e Fonologia*, a variação pode ser conceituada como “formas linguísticas em alternância na língua, em

determinada comunidade, que no mesmo período de tempo encontra-se em variação. A variação pode ocorrer na fonologia, na sintaxe, na semântica e na morfologia” (p. 217).

Em 1963, Labov publicou um trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha’s Vineyard, no litoral de Massachusetts, e percebeu que os fatores sociais são decisivos e motivam a explicação da variação e mudança linguística. Labov (2008) informa que seu estudo foi resultado de observação direta de uma mudança sonora no contexto da vida da comunidade da ilha em questão e a mudança é uma alteração na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/.

Labov (2008) afirma:

Estudando-se a frequência e distribuição das variantes fonéticas de /ay/ e /aw/ nas diversas regiões, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos dentro da ilha, será possível reconstruir a história recente dessa mudança sonora; correlacionando-se o complexo padrão linguístico com diferenças concomitantes na estrutura social, será possível isolar os fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico. (LABOV, 2008, p. 19)

Assim, Labov (2008) conclui com o estudo feito na ilha de Martha’s Vineyard que existe a correlação de padrões sociais (idade, sexo, classe social, ocupação, etc.) com o padrão distribucional de uma variável linguística. As técnicas desenvolvidas por Labov para estudar a fala da comunidade da ilha de Martha’s Vineyard foram aprimoradas e utilizadas em um estudo posterior desenvolvido por ele sobre a estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York.

Sendo assim, podemos ressaltar que muitos estudiosos da área da sociolinguística buscam até hoje as técnicas de Labov para realizar estudos em comunidades de fala.

Em relação à variação linguística, vários fatores atuam para a ocorrência dela, e, segundo Mollica e Braga (2007, p.11), uma classificação da natureza dos fatores atuantes na variação configura-se da seguinte forma: No conjunto de variáveis internas podemos perceber os fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Estes fatores referem-se a características

da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado bem como os diversos subsistemas de uma língua. No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). Os do primeiro tipo referem-se a traços próprios aos falantes, enquanto os demais estão relacionados a características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora o evento de fala.

É importante ressaltar que segundo Mollica e Braga (2007):

Numa perspectiva científica, cabe assinalar que todas as manifestações linguísticas são legítimas e previsíveis, ainda que exista flutuação estilística. Embora os julgamentos de valor não se apliquem, os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva e negativa e, nessa medida, podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social. (MOLLICA; BRAGA, 2007, p.13).

A sociolinguística relaciona a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social porque é impossível estudar uma sem a outra. Bagno (2007) afirma que mesmo tendo consciência dessa heterogeneidade, sabemos que existe uma realidade linguística com dois grandes pólos: a variação linguística e a norma-padrão. É a relação entre esses pólos que trataremos na próxima seção

1.2 O enfoque da sociolinguística variacionista

José Saramago, renomado escritor português, vislumbrou a importância da heterogeneidade linguística quando afirmou: “Quase me apetece dizer que não há uma língua portuguesa, há línguas em português” (SARAMAGO, em depoimento registrado no filme *Língua: vidas em português*, dirigido por Victor Lopes e exibido no Brasil em 2004).

Nesse sentido, podemos dizer que não existe uma única língua portuguesa, mas a língua portuguesa de Portugal, Língua portuguesa de Guiné-Bissau, língua portuguesa do Brasil, etc. Mesmo no interior de uma dada língua existem diferentes

maneiras de se falar e essas maneiras constituem-se por serem variações dentro de uma língua particular. É a sociolinguística variacionista que está encarregada de estudar as variações das línguas.

Segundo Cezário e Votre (2010, p.149), o objetivo de estudo da sociolinguística variacionista normalmente se localiza no uso do vernáculo. Labov (2008) define vernáculo como o estilo em que se presta o mínimo de atenção no uso da fala, ou seja, é a língua falada em situações naturais, espontâneas, em que supostamente o falante se preocupa mais com o que dizer do que com o como dizer.

Nos estudos variacionistas, o parâmetro de análise é o falante e o ouvinte reais, em situações reais de linguagem para buscar, através do estudo das manifestações linguísticas concretas, descrever e explicar os fenômenos empregados na fala durante o processo de interação verbal.

Labov (2008) acredita que pelo estudo do vernáculo, o pesquisador pode encontrar as regras que realmente fazem parte do uso numa língua materna, bem como aquelas que estão sendo menos usadas ou deixando de aparecer na fala cotidiana.

Em se tratando de variação, Bagno (2007, p.39- 40) afirma que ela pode ser encontrada em todos os níveis da língua:

- a)Variação fonético-fonológica: relacionada à pronúncia das palavras (o “r” medial de “porta”, “carne” pode ser pronunciado de várias formas).
- b)Variação morfológica: relacionada ao uso de formas diferentes (prefixos, sufixos) para expressar a mesma ideia. As formas “pegajosas” e “peguento” têm sufixos diferentes, mas expressam a mesma ideia.
- c)Variação sintática: relacionada à organização das orações por regras. Podemos ter as seguintes construções no PB: “Um filme que ninguém prevê o final”, “Um filme que ninguém prevê o final dele” e “Um filme cujo final ninguém prevê”.
- d)Variação semântica: relacionada ao significado diverso no uso de um mesmo vocábulo como “vexame”, por exemplo, que significa “vergonha” e também “pressa”. O significado utilizado vai depender da origem regional dos falantes.

- e) Variação lexical: relacionada a vocábulos distintos que podem ter o mesmo significado como “urina”, “xixi” e “mijo”.
- f) Variação estilístico-pragmática: relacionada ao uso da língua em situações diversas de interação social. O mesmo falante pode proferir as seguintes frases dependendo do contexto no qual ele se insere: “Aos que estão chegando, queiram se sentar, por favor,” e “Ao povo que ta chegando, vamo sentano aí, galera”.

Existem também fatores sociais que podem auxiliar na identificação dos fenômenos de variação linguística e, segundo Bagno (2007, p. 43-44), eles podem ser resumidos em:

- Origem geográfica – podemos perceber que existem diferenças na fala das pessoas que dependo da região na qual ela nasceu.
- Status socioeconômico – a forma de usar a língua varia dependendo do nível de renda do falante.
- Grau de escolaridade – os indivíduos que têm condições de ter acesso à educação formal e à cultura letrada acabam por utilizar a língua de forma diferente daqueles que não têm esse acesso.
- Idade – o uso da língua sofre variação dependendo da faixa etária do falante. As crianças, os adolescentes, os adultos e os idosos não falam da mesma maneira.
- Sexo – ocorrem variações na fala de homens e mulheres, já que eles podem fazer escolhas linguísticas distintas.
- Mercado de trabalho – a profissão de uma pessoa condiciona o uso linguístico dela já que ela frequenta contextos de fala específicos.
- Redes sociais – a convivência do falante com certos grupos sociais acaba por condicionar o uso da língua, ou seja, o comportamento linguístico do indivíduo.

Quando se estuda a variação sociolinguística é importante saber como ela pode ser classificada. Assim, segundo Bagno (2007, p.46-47), temos a seguinte divisão:

- Variação diatópica – O adjetivo diatópico vem do grego *diá* – através de- e *tópos* –lugar. Esta variação pode ser constatada na comparação entre a fala de pessoas de lugares diferentes (regiões, estados, zona rural e urbana, áreas socialmente demarcadas nas metrópoles, etc.)
- Variação diastrática – o adjetivo diastrático vem do grego *diá* – através de- e do latim *stratum* –camada, estrato. Esta variação pode ser constatada na comparação da fala das pessoas que pertencem a classes sociais distintas.
- Variação diamésica – o adjetivo diamésica vem do grego *diá* – através de- e *mésos* – meio. Esta variação pode ser constatada pela comparação entre a língua falada e a língua escrita.
- Variação diafásica – o adjetivo diafásico vem do grego *diá* – através de- e *phásis*–expressão, modo de falar. Esta variação pode ser constatada pela comparação do uso linguístico do indivíduo de acordo com a situação comunicativa na qual ele se insere (mais formal ou mais monitorada e menos formal ou menos monitorada).
- Variação diacrônica – o adjetivo diacrônico vem do grego *diá* – através de e *khronos* - tempo. Esta variação pode ser constatada pela comparação entre as diferentes fases da história de uma dada língua.

1.3 Variedades, variável e variante linguística.

Para a realização de uma pesquisa com enfoque da sociolinguística variacionista é importante que alguns conceitos dessa área sejam esclarecidos. Primeiramente, temos o conceito de variedade linguística que, segundo Bagno (2007, p. 47) é “um dos ‘muitos modos’ de falar uma língua”. A variedade linguística se correlaciona com fatores extralinguísticos e toda língua é constituída por um

conjunto de variedades. Como exemplo Bagno (2007, p. 47) ressalta que algumas variedades do PB usam o pronome de 2ª pessoa “tu” para se referir ao outro no discurso, mas outras variedades fazem uso do “você”. Somente algumas variedades da nossa língua apresentam o “r” retroflexo na pronúncia (porta, carne, mar, etc.).

Outros dois conceitos são variáveis e variantes sociolinguísticas. Bagno (2007, p. 50) afirma que uma variável sociolinguística é “algum elemento da língua, alguma regra, que se realiza de maneiras diferentes, conforme a variedade linguística analisada”. Já variante sociolinguística, ainda segundo Bagno (2007, p. 50) é “cada uma das realizações possíveis de uma variável”, ou seja, “cada uma das formas diferentes de se dizer a mesma coisa”. Um dos exemplos apresentados por Bagno é o seguinte:

A variável (r) no PB em final de palavra (cantar, mar, fazer, etc.) pode apresentar algumas variantes; [r] vibrante simples; [R] vibrante múltipla; [ɹ] retroflexa; [h] aspirada; [∅] zero, entre outras.

A principal meta da sociolinguística é proporcionar o estudo das regras variáveis numa língua. Este estudo, segundo Bagno (2007, p. 51) nos permite tomar conhecimento de qual é o estado atual, ou seja, quais são as características do uso real da língua por parte dos falantes.

Para empreender um estudo sociolinguístico com enfoque variacionista, o linguista deve recolher um grande número de dados por meio de entrevistas gravadas em fitas magnetofônicas de um número considerável de informantes. Hoje todos os tipos de produção linguística são gravados. Na busca da fala menos monitorada, costuma-se pedir aos informantes para produzirem narrativas de experiência pessoal, para que o envolvimento emocional com o assunto narrado os fizesse produzir um discurso mais espontâneo, ou seja, informal.

Os informantes escolhidos são geralmente aqueles nascidos e criados na comunidade a ser estudada ou aqueles que vivem nela por muitos anos. O ideal é que se formem células de dados com mesmo número de informantes: dois sexos; três níveis de escolaridade e quatro faixas etárias, por exemplo.

Após ressaltarmos as características, as classificações que podem ser feitas quando se trata das variações e alguns conceitos da sociolinguística variacionista, podem trazer a seguinte ideia de Bagno (2007):

As pesquisas linguísticas empreendidas no Brasil têm mostrado que o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o grau de escolarização que, em nosso país, está muito ligado ao status socioeconômico: a escola de qualidade e a possibilidade de permanência mais prolongada no sistema educacional são bens sociais limitados às pessoas de renda econômica mais elevada. Estudos sociológicos apontam que existe uma relação muito estreita entre escolaridade e ascensão social: os melhores empregos e os postos de comando da sociedade estão reservados predominantemente aos cidadãos mais escolarizados. (BAGNO, 2007, p. 44).

Assim, podemos dizer que por meio da pesquisa sociolinguística é possível descrever alguns usos da língua portuguesa que fazem parte da fala cotidiana das pessoas. Nesse sentido, vários fenômenos podem ser mapeados e para traçar o dialeto falado por uma determinada população que vive numa dada região.

CAPÍTULO 2 - O USO DO -NH E -LH NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Neste capítulo vamos tratar o uso do -nh e do -lh ortográfico no Português do Brasil do ponto de vista da pronúncia deles. Para tanto será exposto de modo breve os conceitos de fonética e de fonêmica/fonologia.

2.1 Fonética e fonologia

Segundo Silva (2001, p. 23) a “fonética é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana”. A transcrição fonética é feita entre colchetes (Silva, 2007, p.118), como exemplo:

Ortografia	Fonética
Malha	['maʎa] ou ['malja]
Banha	['bãɲa] ou ['bãɣa]

Já a fonêmica/fonologia, de acordo com Silva (2011, p.110), “é uma disciplina da linguística que investiga o componente sonoro das línguas naturais do ponto de vista organizacional”. A fonêmica/fonologia também determina a distribuição dos sons e o contraste entre eles, dando ênfase na organização dos sistemas sonoros.

Para Silva (2007, p.118), a “representação fonêmica será transcrita entre barras transversais” como:

Ortografia	Fonêmica
Malha	/maʎa/
Banha	/baɲa/

Segundo Silva (2007, p.132), lembrando a relação individual entre a língua e fala “A fonêmica relaciona-se à língua, por definir um sistema sonoro compartilhado em princípios por todos os falantes. A fonética relaciona-se à fala e expressa as particularidades da fala de cada indivíduo”.

2.2 Breve descrição da realização dos dígrafos -nh e -lh a partir da fonética e da fonologia

Para se fazer as descrições da língua portuguesa do ponto de vista fonético têm que seguir uma tabela de símbolos fonéticos consonantais.

Articulação		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	desv voz	p b		t d			k g	
Africada	desv voz				tʃ dʒ			
Fricativa	desv voz		f v	s z	ʃ ʒ		X ɣ	h ɦ
Nasal	voz	m		n		ɲ ɣ̃		
Tepe	voz			r				
Vibrante	voz			ʀ				
Retroflexa	voz			ɻ				
Lateral	voz			l ɭ		ʎ ɸ		

(Tabela 1: Símbolos fonéticos consonantais relevantes para a descrição do português. SILVA, 2001, p.37).

Em relação à tabela 1, podemos construir um quadro para evidenciar de modo mais exemplificado o que corresponde à análise fonética. No exemplo ortográfico a letra (ou letras) em negrito corresponde(m) ao segmento consonantal cujo símbolo fonético é apresentado na primeira coluna. A segunda coluna mostra a nomenclatura do segmento consonantal, a terceira coluna evidencia a forma ortográfica do exemplo e a quarta coluna mostra a representação fonética correspondente.

Símbolo	Classificação do segmento consonantal	Exemplo ortográfico	Transcrição fonética
ɲ ou ỹ	Nasal palatal vozeada	banha	[bãɲa] ou [bãỹa]
ʎ ou lj	Lateral palatal vozeada	malha	[maʎa] ou [malja]

Tabela 2: Ilustração da classificação proposta pela tabela 1

Do ponto de vista fonológico, podemos fazer algumas considerações para depois abordarmos os dígrafos –nh e –lh. Os fonemas, segundo Silva (2001, p. 126) são sons que estão em oposição – por exemplo [f] e [v] em “faca” e “vaca”, “[...] mas se não conseguirmos caracterizar dois segmentos como fonemas distintos devemos buscar evidência para caracterizá-los como alofones de um mesmo fonema” (p. 129).

Assim, podemos dizer que existem sons foneticamente semelhantes do português como aqueles que têm propriedades articulatórias muito próximas como **ɲ/ỹ**; **ʎ/y**; **lj/y** e as consoantes laterais líquidas entre si **lj/ʎ**.

O dígrafo-nh no Português do Brasil, de acordo com a tabela fonética apresentada anteriormente, pode ser representado pelos símbolos [ɲ] ou [ỹ], que são classificados como nasal palatal vozeado, como exemplo tem-se a ocorrência

em **banha** transcrita foneticamente ['bãna] ou ['bãya]. Segundo Silva (2001, p.39): “A consoante nasal palatal [ɲ] ocorre na fala de poucos falantes do português brasileiro. Geralmente um glide palatal nasalizado, que é transcrito como [ỹ], ocorre no lugar da consoante nasal palatal para a maioria dos falantes do português brasileiro”.

De acordo com Silva (2001) existem duas manifestações para o segmento correspondente ao dígrafo-nh. Se em uma palavra como ‘banha’ ocorre à pronúncia de uma consoante nasal palatal em posição intervocálica, ou seja, [ɲ], será observada a obstrução da passagem da corrente de ar pela cavidade oral (SILVA, 2001, p. 61).

Nas figuras 1 e 2 a seguir temos a representação do aparelho fonador humano e nele os articulares que são requeridos para a produção dos sons da língua:

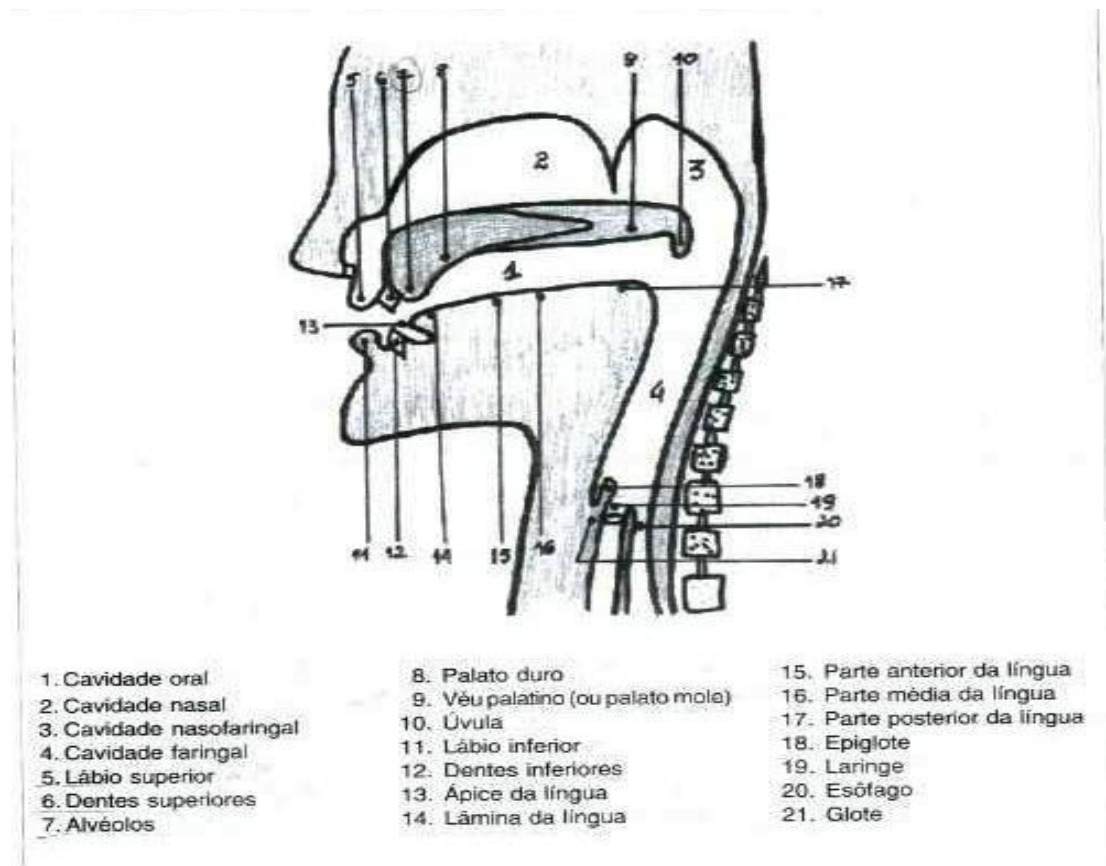


FIGURA 1: O aparelho fonador e os articuladores passivos e ativos, as cavidades oral, nasal, faríngea e a glote (cordas vocais) (SILVA, 2001, p. 30).

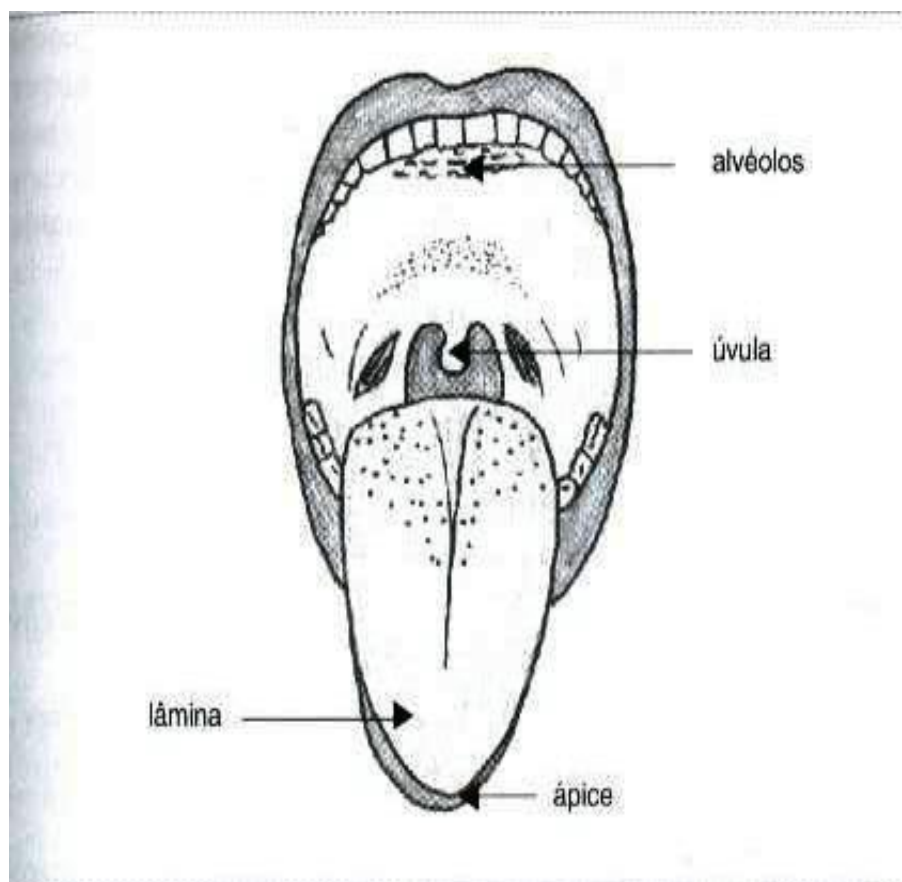


FIGURA 2: Esquema ressaltando os alvéolos, o ápice e lâmina da língua e a úvula (SILVA, 2001, p. 31).

Silva (2001) ressalta que:

(...) segmentos nasais são produzidos com o véu palatino abaixado e a corrente de ar tem acesso às cavidades oral e nasal. A obstrução na cavidade oral é causada pela parte média da língua tocando o palato duro (que é uma articulação característica de consoantes palatais). A obstrução da passagem da corrente de ar se dá uma vez que as consoantes nasais são por definições oclusivas. Se você pronuncia uma consoante nasal palatal em uma palavra como 'banha' a sua língua tocará a região palatal causando obstrução. Você deverá, portanto sentir o contato da língua tocando o céu da boca. Neste caso a transcrição fonética correspondente a palavra "banha" será ['bãŋa]. (SILVA, 2001, p.61).

Silva (2001) diz que há "casos de falantes que articulam um segmento vocálico nasalizado, ou seja, [ỹ] em posição intervocálica na palavra 'banha'." A autora ressalta que:

(...) o dígrafo **nh** corresponde a um segmento vocálico [i] nasalizado (como a vogal de 'sim'). Neste caso não há contato da língua com o céu da boca. Portanto, na articulação do segmento /ỹ/ não haverá obstrução da passagem da corrente de ar na região palatal. Assim, a sua língua não deve tocar a região central do palato durante a articulação de /ỹ/. Neste caso a palavra 'banha' será transcrita como [bã̃ya] (SILVA, 2001, p. 61).

Sabemos então que na pronúncia do segmento [ɲ] há a obstrução da passagem da corrente do ar pelo trato vocálico e a língua encosta na região palatal, já para na pronúncia do segmento [ỹ] não haverá obstrução da passagem da corrente do ar pelo o trato vocálico, neste caso a língua não encosta na região palatal ou céu da boca.

Em relação à articulação do -lh ortográfico, podemos dizer que se trata de uma consoante líquida, cuja denominação, segundo Azambuja (1998 *apud* Cruz, 2009, p. 49), ocorre do entendimento que geralmente se tem de que são segmentos produzidos pela língua quando originam uma oclusão da corrente de ar no canal oral. As consoantes líquidas têm a característica do deslizamento e um exemplo disso são as laterais em que a corrente de ar, ao encontrar um impedimento em sua passagem na boca, desvia-se e desliza pelos lados da boca (JACOBSON, 1972 *apud* Tasca, 2002).

As consoantes líquidas laterais são produzidas quando o articulador ativo, ou seja, o que tem a propriedade de se movimentar toca o articulador passivo e há obstrução da corrente de ar na linha central do trato vocal. Sendo assim, são chamadas de laterais porque o ar é expelido pelos lados dessa obstrução (SILVA, 2003).

Quanto às alternativas articulatórias relacionadas ao -lh ortográfico, podemos dizer que existem três possibilidades. Segundo Silva (2011, p. 64-65), o uso da consoante lateral palatal vozeada, cujo símbolo é [ʎ], “apresenta obstrução da passagem da corrente de ar na região palatal (o ar escapa lateralmente). Neste caso o falante levanta a parte média da língua em direção ao palato duro”. Como exemplos temos **malha** e **palha**, sendo a transcrição fonética [ˈmaʎa] e [ˈpaʎa].

Alternativa articulatória para a representação do dígrafo -lh é o uso da consoante lateral alveolar (ou dental) que é articulada juntamente a propriedade

articulatória secundária de palatalização. Segundo Silva (2001, p. 65), “neste caso, o falante levanta a ponta da língua em direção aos alvéolos ou aos dentes incisivos superiores (como na articulação da lateral ‘bala’). Concomitantemente, a região média da língua é levantada em direção ao palato duro. Temos então uma consoante lateral palatalizada que é transcrita como [lj]. Como exemplos temos **malha** e **palha**, sendo a transcrição fonética temos ['malja] e ['palja].

Silva (2001, p. 40) faz a seguinte observação do segmento [ʎ]. “A consoante lateral palatal [ʎ] ocorre na fala de poucos falantes do português brasileiro”. Nesse sentido, “Geralmente um lateral alveolar (ou dental) palatalizada que é transcrita por [lj] ocorre para a maioria dos falantes do português brasileiro” (SILVA, 2001, p. 40).

O símbolo [ʎ] é utilizado para a representação da palavra “palha”, sendo a transcrição fonética feita se seguinte maneira: ['paʎa]. Com isso, Silva (2001, p. 64-65) ressalta que: “o falante articula uma consoante lateral palatal que apresenta a obstrução da passagem da corrente de ar na região palatal (o ar escapa lateralmente). Neste caso o falante levanta a parte média da língua em direção ao palato duro”.

A autora salienta ainda que “Pode ocorrer à vocalização da lateral palatal e neste caso temos um segmento com as características articulatórias de uma vogal do tipo [i] que é transcrito como [y]: ['maya].” (2001, p. 40).

Nesse sentido, Silva (2001) afirma que o dígrafo -lh pode ser representado por meio de um dos três símbolos [ʎ], [lj] e [y], sendo que este último também poder ser substituído por [j]. Silva (2001, p.65) diz ainda que, a forma de identificar se um falante “produz o segmento lateral palatal [ʎ], ou o segmento lateral palatalizado [lj] consiste em verificar se há diferença de pronúncia entre as palavras ‘olhos/óleos’; ‘a malha/Amália’ e ‘julho/Júlio’.” Se um falante tem diferença na pronúncia das palavras, é bem “provável que a lateral palatal [ʎ] ocorra no idioleto” dele e corresponda ao dígrafo -lh. Agora se um falante pronuncia as palavras “da mesma maneira é provável que ele tenha o segmento lateral palatalizado [lj] em seu dialeto para corresponder ao dígrafo -lh” (SILVA, 2001, p.65).

2.3 Processos fonológicos relacionados às ocorrências de –nh e -lh

No português brasileiro, as ocorrências de –nh e –lh na fala das pessoas podem ser manifestadas por meio de variedades fonológicas e estas podem ser explicadas a partir de processos fonológicos que serão descritos nesta seção.

Nas palavras com -lh, representadas pelo símbolo fonético [ʎ], pode ocorrer o processo de despalatalização que, de acordo com Aragão (1999, p.15), é definido como o processo em que há a perda do traço palatal do fonema e que pode ser percebido, também, como “uma variedade regional, social, estilística ou individual”.

Silva (2011, p. 141) ressalta que um exemplo de despalatalização no português seria a lenição, que consiste no enfraquecimento de um som consonantal que se torna mais sonoro ou é produzido com menor grau de constrição no trato vocal. Um exemplo são as consoantes palatais [ɲ] e [ʎ] que em muitas variedades passam a ser expressas como [ỹ] - [bãỹo] e [lj] - [maljado] respectivamente. É importante elucidar que Silva (2011, p. 141) diz ainda que a lenição da lateral palatal pode se manifestar como [lj] ou [y].

A pronúncia [lj], segundo Silva (2011, p. 29) ocorre para a maioria dos falantes do português brasileiro, independente da região em que vivem. Mas “em alguns dialetos, pode ocorrer à vocalização da lateral palatal, sendo realizado um segmento com as características articulatórias de uma vogal do tipo [i], transcrito como [y]”. Isso pode ser explicado pelo fato de que as palavras com a lateral palatal em posição intervocálica, segundo Brandão (2007) possuem flutuação de pronúncia.

Nesse sentido, o fenômeno da despalatalização seria seguido pela iotização que, segundo Câmara Jr. (1977 *apud* Aragão, 1999), é a mudança que pode ocorrer de uma vogal ou consoante para uma vogal alta /i/ ou semivogal correspondente. Aragão (1999, p. 15) afirma ainda que a iotização consista em “um caso típico de economia da linguagem muito frequente na linguagem popular e causado pela necessidade de facilidade de articulação”. Como exemplos:

Telha – [teya]

Palha – [paya]

Palhaço – [payaço]

Mulher - [muye]

De acordo com Aragão (1999),

Autores há que consideram esse fato um fenômeno fonético. Outros acham que é um problema da influência africana, uma mudança fonética do latim para o português, ou ainda um fato que pode vir a ser fonológico, gerando um novo fonema e não apenas uma articulação diferente dos fonemas /ɲ/ e /ʎ/ (ARAGÃO, 1999, p.15).

Aragão (1999) diz que o processo linguístico de despalatalização seguido de iotização pode estar relacionado à fala dos índios e dos africanos que provavelmente tinham dificuldades de pronunciar as consoantes como –lh, pronunciando –i (mio em vez de milho, por exemplo).

2.4 Traços graduais e os traços descontínuos

Além dos processos apresentados na seção anterior que explicam as variações que podem ser vistas nas ocorrências de –nh e –lh no português do Brasil, temos que elucidar os fatores extralinguísticos que também explicam as variações.

Nesse sentido, sabemos que a avaliação social quanto às variações pode ser positiva ou negativa, por isso, as ideias de Bagno (2003) serão relevantes, já que este estudioso trata da questão estigmatização linguística e mobilidade social. Bagno (2003) identifica dois tipos traços, que a partir da visão da norma culta padrão do Português do Brasil, são tratados como “erros”, são os traços graduais e os traços descontínuos.

Para Bagno (2003, p.142-143), os traços graduais são aqueles que, como o próprio nome indica, ocorrem ao longo de todo o continuum das variedades em grau

maior ou menor de frequência. Os traços descontínuos são aqueles que aparecem com maior frequência nas variedades mais estigmatizadas e deixam de aparecer quanto mais nos aproximamos das variedades mais prestigiadas. Um traço gradual, no que diz respeito à pronúncia das palavras seria a redução do ditongo escrito “ou” numa única vogal fechada pronunciada “ô”: esse fenômeno não sofre estigma na sociedade porque ocorre em todas as variedades linguísticas do português brasileiro. Em qualquer região do país, em qualquer classe social, seja qual for o nível de escolaridade do indivíduo, palavras escritas **OURO**, **POUCO**, **CHEGOU** etc. são normalmente pronunciadas como fossem escritas “ôro”, “pôco”, “chegô” etc.

Bagno (2003, p. 143) apresenta um exemplo que é exatamente relacionado à pronúncia do fonema /l/, lateral, que se refere ao dígrafo -lh. O referido autor afirma que a pronúncia “trabaio”, “teia”, ou “paia” para o que se escreve **TRABALHO**, **TELHA** E **PALHA** é um traço descontínuo porque virtualmente não comparece nas variedades prestigiadas. Silva (2007, p. 40) afirma que nesse caso, temos que no lugar da lateral palatal /lj/ ocorre um segmento com características articulatórias de uma vogal do tipo /i/, que é transcrito como /y/: [trabaya], [teya] e [paya]. Assim o -lh (fonema /lj/ vocaliza-se em -i (fonema /y/).

A despalatalização da lateral seguida da iotização constitui uma forma estigmatizada de uso da consoante, um traço descontínuo que está presente na fala coloquial de muitas pessoas, principalmente daquelas que pertencem à classe social mais desfavorecida economicamente. Esse traço tem a característica de uma economia linguística feita pelo falante, mas se o uso da consoante vocalizada -lh em -i acarretar prejuízo no entendimento da palavra em que ele aparece já não temos mais um caso de variação produtiva no uso da língua. Por exemplo, se um falante disser “a teia está me atrapalhando”, muitas vezes não saberíamos se ele se refere à palavra telha [telja] que ele utiliza como [teya], com o segmento em variação /y/ ou a palavra teia [teia] referente à “teia de aranha”.

Assim, ressaltamos que a variação linguística pode ocorrer na fala das pessoas, mas quando ela acarreta prejuízo no entendimento das palavras acaba sendo uma característica negativa de presente em um dialeto.

Por fim, ressaltamos que no capítulo 4 do presente estudo serão dadas explicações acerca de quais processos são percebidos a partir das pronúncias em

variação que podemos encontrar nos dígrafos –nh e –lh na fala dos moradores da cidade de Goiás/GO.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Para a realização deste estudo foram seguidos os seguintes recursos metodológicos: em uma primeira etapa foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica que está nos capítulos 1 e 2 desta monografia. Segundo Severino (2007, p.122), a pesquisa bibliográfica “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc.”

Em uma segunda etapa, foi desenvolvida uma pesquisa de campo que, de acordo com Severino (2007, p.123), “é aquela onde o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio”. Por isso, foram feitas entrevistas fechadas com um total de 9 (nove) falantes da cidade de Goiás com o intuito de coletar dos dados nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador.

No procedimento das entrevistas foram feitas perguntas aos falantes, sendo que elas foram previamente construídas pelo pesquisador. Após as respostas, ainda foi solicitado aos informantes que eles lessem textos e listas de palavras que continham –nh e –lh (ver anexo). É importante elucidar que com dois informantes só foram feitas entrevistas. Isso se deve ao fato de que eles não conseguem ler textos e listas de palavras, pois não concluíram o ensino básico e um deles nunca frequentou a escola.

A pesquisa foi desenvolvida a partir dos pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista, assim a metodologia que esta teoria geralmente utiliza para o procedimento de coleta de dados também foi utilizada pelo pesquisador para a constituição do *corpus* e posterior análise de dados. Assim, foram utilizadas variáveis de pesquisa para estruturar as características linguísticas e extralinguísticas que foram levadas em consideração para a análise dos dados coletados.

Lembrando que variável, segundo Silva (2011, p.217- 218), em seu dicionário de Fonética e Fonologia, “é um termo da sociolinguística que, geralmente, é classificado como variável independente ou variável dependente, de maneira análoga aos estudos em estatística”.

Nesse sentido, as variáveis dependentes que foram utilizadas como parâmetros para as entrevistas com os informantes são:

SEXO	FEMININO ou MASCULINO
IDADE	De 20 ATÉ 60 anos
GRAU DE ESCOLARIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • SEM GRAU DE ESCOLARIDADE. • ENSINO BÁSICO COMPLETO ou • ENSINO BÁSICO INCOMPLETO. • ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO ou • ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO. • ENSINO MÉDIO COMPLETO ou • ENSINO MÉDIO INCOMPLETO. • ENSINO SUPERIOR COMPLETO ou • ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO.
REGIÃO/LOCAL DE NASCIMENTO	NASCIDO NA CIDADE DE GOIÁS OU MORADOR DA CIDADE HÁ PELO MENOS 10 ANOS.

É importante ressaltar que as entrevistas direcionadas para a coleta de dados foram obtidas através de gravações da fala de todos os nove informantes, sendo

que cinco deles são do sexo feminino e quatro são do sexo masculino. Um dos informantes do sexo masculino não frequentou a escola e só sabe assinar o nome. Uma informante do sexo feminino não concluiu a educação básica, 1^a a 4^a série, hoje 1^o a 5^o ano, parou na 3^a série / 4^o ano. Já dois informantes do sexo masculino cursaram o Ensino Fundamental, 5^a a 8^a série, hoje 6^o a 9^o ano, sendo que eles pararam na 6^a série/ 7^o ano. Para o sexo feminino temos uma informante também que cursou somente até a 6^a série hoje 7^o ano do Ensino Fundamental. Também temos uma informante que cursou até o 1^o ano do Ensino Médio. Na entrevista tivemos um informante que está cursando no 2^o semestre a 6^a série, hoje 7^o ano do Ensino Fundamental EJA. E para a finalização das entrevistadas, temos duas informantes do Ensino Superior, uma que já conclui e outra que está cursando o 3^o ano do Ensino Superior.

É importante ressaltar que após a realização de cada entrevista, foi feita uma transcrição da fala do entrevistado, mas apenas os vocábulos usados que contém -lh e -nh foram transcritos fonologicamente porque eles são o alvo da pesquisa. A partir das transcrições das variações em -nh e -lh que aparecem no *corpus* coletado teceremos no capítulo 4 uma análise qualitativa para explicar quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que justificam o uso das variações.

CAPITULO 4 - ANÁLISE DE DADOS

As entrevistas para a obtenção dos dados que serão analisados neste capítulo foram feitas com informantes da cidade de Goiás, já que o intuito desta pesquisa é verificar como acontece a pronúncia dos dígrafos –nh e –lh em palavras utilizadas pelos falantes desta cidade. Esclarecemos que os dados foram coletados por meio de gravações feitas nos meses de agosto e setembro de 2011 com um total de nove informantes, sendo quatro deles do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Em relação a esses informantes cabe fazer as seguintes observações:

- A informante **A/F** tem 54 anos de idade e nasceu na Zona Rural, sendo que se mudou para a cidade de Goiás aos 4 anos, e reside nela até hoje. É morador do Bairro João Francisco e cursou até a 3ª série Ensino Básico que hoje corresponde ao 4º ano do Ensino Fundamental.
- A informante **L/F** tem 46 anos de idade e nasceu na Zona Rural, sendo que se mudou para a cidade de Goiás aos 12 anos de idade, e mora nela até hoje. É moradora do Bairro Bacalhau e cursou até a 6ª série do Ensino Fundamental que hoje corresponde ao 7º ano do Ensino Fundamental.
- A informante **S/F** tem 26 anos de idade e é natural da cidade de Goiás e moradora da mesma desde quando nasceu. Hoje reside na Vila Agnelo. Cursou até o 1º ano do Ensino Médio.
- A informante **V/F** tem 32 anos de idade e mora na cidade de Goiás desde quando nasceu. Atualmente reside no Bairro João Francisco. Ela cursa o 3º ano do Ensino Superior.
- A informante **J/F** tem 37 anos de idade e é moradora da cidade de Goiás desde quando nasceu. Reside no Bairro João Francisco e já concluiu o Ensino Superior.
- O informante **S/M** tem 65 anos de idade, sendo que nasceu na Zona Rural e mudou-se para a cidade de Goiás aos 13 anos de idade. É

morador da Vila Agnelo. Coursou só até a 1ª série do Ensino Básico o que corresponde hoje ao 2º ano do Ensino Fundamental.

- O informante **R/M** tem 20 anos de idade e é morador da cidade de Goiás desde seu nascimento. Atualmente reside na Vila Agnelo. Coursou até a 6ª série do Ensino Fundamental, o que corresponde hoje ao 7º ano do Ensino Fundamental.
- O informante **A/M** tem 33 anos de idade e mora na cidade de Goiás desde seu nascimento. Atualmente reside no Bairro João Francisco. Coursou até a 6ª série do Ensino Fundamental o que corresponde hoje ao 7º ano do Ensino Fundamental.
- O informante **J/M** com tem 24 anos de idade e mora na cidade de Goiás desde seu nascimento. É morador da Rua São Paulo que fica no centro da cidade. Está cursando o 7º ano do EJA.

Sendo assim, após as entrevistas feitas, podemos dizer que foram encontradas algumas variações acerca da pronúncia de palavras com os dígrafos –nh e –lh, proferidas por informantes da cidade de Goiás. Essas variações ocorreram no nível fonético-fonológico, ou seja, estão relacionadas às pronúncias das palavras.

Em relação ao dígrafo - nh, no capítulo 2 foi dito que no PB os símbolos representados pelos fonemas /ɲ/ ou /ỹ/ se referem a esse dígrafo e são classificados como nasal palatal vozeada, como exemplo tem-se as ocorrências em **banha** transcritas foneticamente ['bãɲa] ou ['bãỹa] (SILVA, 2001, p. 39).

As ocorrências do *corpus* obtido pela fala dos informantes da cidade de Goiás evidenciam que as palavras com - nh que não estavam no diminutivo à pronúncia ocorre na forma de um glide palatal nasalizado, que é transcrito como /ỹ/, no lugar da consoante nasal palatal. Esse fato acontece na fala da maioria dos falantes do PB (SILVA, 2001, p. 39). Como exemplos têm: ['ũỹa], ['sõỹo], ['bãỹo], ['bãỹa].

Esse fato pode ser explicado porque, segundo Silva (2001, p. 61), muitos falantes articulam um segmento vocálico nasalizado, ou seja, /ỹ/ quando a pronúncia do dígrafo - nh ocorre em posição intervocálica. Sendo assim, o som da pronúncia deste dígrafo corresponde a um segmento vocálico [i] nasalizado (como a vogal de 'sim'). Neste caso específico não há contato da língua com o céu da boca. Portanto,

na articulação do segmento /j/ não há obstrução da passagem da corrente de ar na região palatal. Assim, a língua dos falantes não deve tocar a região central do palato durante a articulação de /j/.

Uma outra explicação para o fato de que a consoante palatal [ɲ] na variedade de Goiás passa a ser expressa em algumas ocorrências como [j̃] - ['ũja], [sõj̃o], ['bãj̃o], ['bãj̃a], é o processo de lenição. Silva (2011, p. 141) a lenição seria um exemplo de despalatalização no português e que consiste no enfraquecimento de um som consonantal que se torna mais sonoro ou é produzido com menor grau de constricção no trato vocal.

Palavras que são representados pelos fonemas /j/ ou /j̃/ para o dígrafo – nh são palavras no diminutivo sintético e este emprego geralmente indica uma linguagem afetiva. No caso de cinco falantes entrevistados (**A/F - S/F - J/F - A/M - S/M**), percebemos que não ocorreu a pronúncia do som do - nh como um todo na terminação dos diminutivos masculinos: pezin, Chapeuzin, sapin, piquinin, bodin, mocin, ratin, foguin, carrin, galin, gatin, Narizin, pássarin, bolin, nin.

A explicação para esse fenômeno ocorrer em algumas palavras no masculino é devido ao fato de que a terminação, o sufixo - inha, além de marcar o diminutivo também marca o gênero feminino e se for suprimido não teria como fazer a distinção do uso do feminino e do masculino. Assim temos “ratin”, “gatin” “mocin”, “sapin”, “piquinin”, mas se essas palavras tivessem o uso no feminino “ratinha”, “gatinha” “mocinha”, “sapinha”, pequenininha não poderia ocorrer à supressão do som final. Os demais usos “nin”, “bolin”, “chapeuzin”, “galin”, “carrin”, “foguin”, “bodin”, “pezin” se referem a palavras que são masculinas e seus diminutivos são invariáveis (sempre são feitos por meio do - nho). Nesse sentido, por meio da economia linguística ocorre a perda parcial do som do final de tais palavras, mas isso se dá sem causar prejuízo semântico.

Quanto à articulação do - lh ortográfico, em alguns dialetos, ela ocorre por meio da consoante lateral palatal vozeada, cuja representação é feita pelo símbolo [ʎ]. Podemos apresentar como exemplo as seguintes ocorrências: ['teʎado], ['oreʎa], ['espeʎo], ['moʎo], ['briʎo], ['miʎo]. A explicação para esse uso é que, segundo Silva (2001, p. 65), “o falante levanta a parte média da língua em direção ao palato duro.

Ou seja, a região central da língua quase toca o céu da boca [...] e ponta da língua encontra-se abaixada próximas aos dentes frontais inferiores”.

Percebemos ainda que em algumas palavras o -lh ortográfico sofre variação e é pronunciado por meio das articulações [lj] e [y]. Silva (2011, p. 141) ressalta que este emprego é um exemplo de despalatalização no português por meio do processo de lenição, que consiste no enfraquecimento de um som consonantal que se torna mais sonoro ou é produzido com menor grau de constrição no trato vocal. Assim, a consoante palatal [lj] na variedade de Goiás passa a ser expressa em algumas ocorrências como [lj] - ['teljado] e ['miljo].

É importante elucidar que as ocorrências em variação do -lh ortográfico se manifestam como Silva (2011, p. 141) aponta, ou seja, por meio da lenição da lateral palatal que pode se manifestar como [lj] ou [y]. No caso do símbolo [y] ou [j], percebemos “[...] que uma vogal com a qualidade vocálica de –i ocupa a posição consonantal correspondente ao dígrafo ‘–lh’” (SILVA, 2001, p. 65). As ocorrências com esta característica articulatória foram encontradas somente na fala dos informantes **V/F** - ['teyado] com a pronúncia teiado - e **S/M** - ['teya], com a pronúncia teia, ['payaço] com a pronúncia paiaço – e somam um total de três palavras.

Nesse sentido, para o uso da variação [y] em algumas ocorrências do corpus coletado, a explicação seria que o fenômeno da despalatalização seria seguido pela iotização que, segundo Câmara Jr. (1977 *apud* Aragão, 1999), é a mudança que pode ocorrer de uma vogal ou consoante para uma vogal alta /i/ ou semivogal correspondente. Aragão (1999, p. 15) afirma ainda que a iotização seja “um caso típico de economia da linguagem muito frequente na linguagem popular e causado pela necessidade de facilidade de articulação”.

Já Coutinho (1976 *apud* Andrade Filho, 2007) afirma que o fenômeno da iotização é um metaplasmo por permuta que pode ser chamado de vocalização, isto é, a conversão de uma consoante num fonema com traço vocálico.

De acordo com Brandão (2007), a variação do -lh ortográfico em [y], ou [j] como alguns autores colocam, é uma forma muito produtiva na fala de comunidades rurais ou de baixo ou nulo nível de escolaridade. Assim, a explicação para o uso do símbolo [y] por alguns falantes é que, para Bagno (2003), esse uso do ponto de vista da sociolinguística se trata de um traço descontínuo, que aparece com maior frequência nas variedades mais estigmatizadas e deixam de aparecer quanto mais nos aproximamos das variedades mais prestigiadas.

As variedades mais estigmatizadas são aquelas usadas pelos falantes que tem menos escolaridade ou aqueles oriundos da zona rural e que conservam em suas falas traços do dialeto caipira. É o caso dos exemplos do corpus coletado ['teya] e ['payaço] que foram proferidos pelo informante **S/M** que nasceu na zona rural, mudou-se para a Cidade de Goiás aos 13 anos de idade e cursou só até a 1ª série do Ensino Básico, o que corresponde hoje ao 2º ano do Ensino Fundamental. Percebemos que este informante frequentou a escola por pouco tempo e, por isso, ainda preserva em sua fala o traço descontínuo do uso do [y], ou [lj].

Já o caso da informante **V/F** a explicação para o uso da variedade [payaço] é outra. Além dela não ser de origem rural, a mesma cursa o ensino superior (terceiro grau) e proferiu apenas uma palavra com a variação do [y], ou [lj]. Nesse sentido, podemos pensar que ocorreu um descuido por parte dela ao pronunciar a palavra “telhado” porque ela pronunciou “telha” e “palhaço” sem utilizar a variação descontínua.

Cruz (2009, p.56) ressalta que “[...] na atual fase de nossa língua, a tendência de algumas comunidades é o processo de despalatalização e iotização, visto que, pelo princípio da economia, essas seriam as tendências típicas a serem estabelecidas, devido à facilitação articulatória que proporcionam”.

A seguir, apresentamos a totalização dos dados citados anteriormente:

<p>ALOFONIA DA NASAL PALATAL Variação livre [ỹ] que marca característica dialetal nas palavras regulares do fonema /ỹ/</p>	<p>Uso regular</p>
<p>Quantidade de palavras no diminutivo – os para as quais os falantes não pronunciam a terminação do fonema /ỹ/</p>	<p>18 palavras</p>

<p>ALOFONIA DA LATERAL PALATAL</p> <p>Dois usos: a variação [lj]</p> <p>Usos esporádicos da variação [y] ou [j] para o fonema /lj/</p>	<p>Uso regular</p> <p>06 palavras</p>
---	---------------------------------------

Assim, concluímos que em relação à variação fonético-fonológica relacionada à variável - lh, temos as variantes [ʎ], [y] ou [lj] para representar à variável - lh, que foi encontrada na fala de alguns moradores da cidade Goiás. Podemos dizer que os fatores extralinguísticos, mais especificamente os fatores sociais, explicam o uso da variante representada por [y] ou [lj]. Segundo Bagno (2007, p. 43-44), a origem geográfica, ou seja, a região onde o falante nasceu acaba por promover as diferenças na fala. Um dos informantes que utilizou a variante estigmatizada [y] ou [lj] é de origem rural e, por isso, carrega consigo este traço do dialeto caipira. O grau de escolaridade é outro fator relevante, já que os indivíduos que têm condições de ter acesso à educação formal e à cultura letrada acabam por utilizar a língua de forma diferente daqueles que não têm esse acesso. Assim, o informante que é de origem rural não conseguiu avançar nos estudos e cursou só até o 2º ano do Ensino Fundamental.

Em relação à variável do - nh, temos o uso da variante [ɲ], mas não é possível dizer, pelos dados coletados, que fatores extralinguísticos condicionaram esse uso na variedade linguística utilizada pelos moradores de Goiás. Todos os informantes da pesquisa apresentaram o uso da variante [ɲ] independente de fatores extralinguísticos. Isso também vale para os cinco informantes que não pronunciaram o som da terminação - nho como um todo nas palavras diminutivas masculinas.

Quanto ao baixo índice de variações como um todo, acreditamos que isso se deve muito ao fato de que uma entrevista gravada não consegue reproduzir uma conversação face a face espontânea. Assim, as entrevistas feitas com os informantes da cidade de Goiás acabaram fazendo com que os falantes monitorassem mais a fala e, desse modo, o índice de variações diminuiu.

Por fim, esclarecemos que o uso de qualquer uma das variantes relacionadas às ocorrências com os dígrafos ortográficos –nh e -lh encontradas na fala dos informantes que fizeram parte da pesquisa não altera o significado das palavras. Nesse sentido, podemos dizer ainda, segundo Silva (2001, p. 148), a ocorrência dos alofones [ỹ] para o fonema /ɲ/ e [y] ou [lj] para o fonema /ʎ/ constituem segmentos que estão em variação livre e não são definidos por contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo pesquisado foi marcado pela utilização das ideias da teoria da sociolinguística para evidenciar a ocorrência da variação fonético-fonológica, mais especificamente das variantes que representam os sons dos dígrafos –nh e –lh no uso da língua portuguesa pelos falantes da cidade de Goiás/GO.

A partir desta pesquisa foi possível identificar na interação verbal dos falantes da cidade de Goiás, quais são as variantes fonético-fonológicas ao pronunciarem os segmentos mediais -nh e -lh que formam vários vocábulos (caminho, dentinho, palha, molhado, mulher, telha, etc.).

Assim, para a investigação da pronúncia do –nh e -lh foi utilizada a teoria da sociolinguística, que evidencia a questão da variação a partir de fatores linguísticos e extralinguísticos que ocorrem na língua falada. No caso da pesquisa em questão, foi possível esclarecer que na fala dos informantes da cidade de Goiás existe a variante fonético-fonológica [ỹ] para representar a variável - nh e as variantes [lj], [y] ou [j] para representar a variável - lh. Todas as variantes são regulares e explicáveis do ponto de vista linguístico e extralinguístico.

É importante observar também que o uso de qualquer uma das variantes encontradas na fala dos informantes que fizeram parte da pesquisa não altera o significado das palavras.

Apenas a variante representada pelo símbolo [y] ou [j] pode ser considerada estigmatizada socialmente, já que ela aparece na fala de pessoas que vivem ou viveram na zona rural e que geralmente frequentaram a escola durante pouco tempo ou não estudaram. O falante que usa essa variante também corre o risco de sofrer um preconceito linguístico por conta da sua maneira de falar.

Dessa forma, esperamos ter iniciado um estudo acerca das variantes encontradas na fala dos moradores da cidade de Goiás.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. *Dialeto caipira*. São Paulo: HUCITEC, 1976.

ARAGÃO, Maria. *A variação fonético-lexical em atlas linguístico do Nordeste*. In: *Revistado GELNE*, n. 2, 1999.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRAGGIO, Silva Lucia Bigonjal. *Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 102p.

BRANDÃO, Sílvia. Um estudo variacionista sobre a lateral palatal. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 3, set. 2007, p. 89-99.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELLOTA et al (orgs). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 141-156.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos* (Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística I*. Objetos teóricos. 5 ed., 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007, p. 11-24.

SASSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo. 21°. ed. Cultrix. 1999.

SEVERINO, Joaquim Antônio. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

[HTTP://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php](http://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php). Acessado em 15 de outubro de 2011.

ANEXOS



Pique-esconde

O macaco brincalhão,
fazendo palhaçada,
quer brincar de pique-esconde
com toda a bicharada.

O coelho bem ligeiro
foi para trás de um coqueiro.
Mas, e agora?
Deixou as orelhas de fora!

A girafa encolhidinha
atrás do galho ficou quietinha.
Mas, e agora?
Deixou o pescoço de fora!

O filhote de elefante, atrás do matinho,
ficou bem escondidinho.
Mas, e agora?
Deixou a tromba de fora!



O gambá entrou numa toca
e se escondeu bem direitinho.

■ Mas, e agora?

Espalhou o cheirinho lá fora.

A arara depois de muito trabalho

■ conseguiu se esconder.

Não deixou nada de fora...

Mas, e agora?

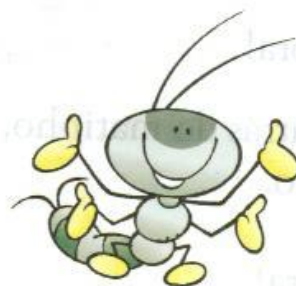


Ah, que pena!

■ A matraca fez barulho,

■ o seu bico não calou,

e, num instante, o macaco a encontrou.



matraca – No texto quer dizer aquele que fala demais, tagarela.

Fui passar na pinguelinha,
chinelinho caiu do pé.
Os peixinhos responderam:
— Que cheirinho de chulé!



PERGUNTAS FEITAS PELO PESQUISADOR AOS INFORMANTES.

A PAMONHA É FEITA DE QUE? **MILHO**

O QUE COBRE A CASA? **TELHADO OU TELHA**

QUEM LEVA DOCE PARA VOVOZINHA? **CHAPEUZINHO VERMELHO**

NO CIRCO QUEM FAZ PALHAÇADA? **PALHAÇO**

O FILHO DO SAPO É UM----- **SAPINHO**

O FILHO DO BODE É UM----- **BODINHO**

O PAI DO FILHO DA GALINHA NO DIMINUTIVO É O----- **GALINHO**

QUEM É QUE FAZ O MEL? **ABELHA**

O FILHO DO RATO É O ----- **RATINHO**

NO SITIO DO PICA PAU TEM UMA PESSOA QUE SE CHAMA A PARTE DO NOSSO CORPO---- **NARIZINHO**

QUANDO VAMOS ENXUGAR USAMOS A -----**TOALHA**

QUANDO VAMOS COMER USAMOS O GARFO OU A--- **COLHER**

NA NOSSA CABEÇA TEMOS CABELOS E --- **ORELHA**

A GALINHA BOTA NO ----- **NINHO**

A MENINA BRINCA DE BONECA E O MENINO BRINCA DE----- **CARRINHO**

O MARIDO DA COELHA É O ----- **COELHO**

A ESPOSA DO CARNEIRO É A---- **OVELHA**

O FILHO DA GATA É O ---- **GATINHO**

O FILHO DO PÁSSARO É O ---- **PASSARINHO**

QUAL É O NOME DO BOMBOM QUE NO FINAL E DE VALSA? **SONHO**

PARA COSTURAR A ROUPA USAMOS A AGULHA E A---- **LINHA**

PASSAMOS ESMALTE NA----- **UNHA**

A FILHA DA ONÇA É A ----- **ONÇINHA**

NO ROSTO TEMOS 1 BOCA 1 NARIZ 2 SOBRANCELHAS E ---- **OLHO**
PARA FAZER O ARROZ COLOCAMOS O ÓLEO E O ----- **ALHO**
O RELÓGIO SÓ TRABALHA SE TIVER COM ----- **PILHA**
AO CONTRARIO DE SILÊNCIO ----- **BARULHO**
O DIMINUTIVO DE PÉ----- **PEZINHO**
O DIMINUTIVO DE CARANGUEJO----- **CARANGUEJINHO**
O QUE USAMOS NOS LÁBIOS SEM SER O BATOM ----- **BRILHO**
O DIMINUTIVO DE MOÇO ----- **MOÇINHO**
COM O EXTRATO DE TOMATE FAZEMOS O ----- **MOLHO**
O DIMINUTIVO DE SAPATO ----- **SAPATINHO**
O DIMINUTIVO DE BOMBOM ----- **BOMBONZINHO**
QUANDO A CABEÇA ESTÁ COÇANDO É O ----- **PIOLHO**
O DIMINUTIVO DE PIÃO ----- **PIÃOZINHO**
O DIMINUTIVO DE PERIQUITO ----- **PERIQUITINHO**
PARA PASSAR BATOM USAMOS PARA OLHAR O ----- **ESPELHO**
O DIMINUTIVO DE CRAVO ----- **CRAVINHO**
O QUE PARECE COM BOMBRIL, QUE A ÚLTIMA PALAVRA É AÇO----- **PALHA**
O DIMINUTIVO DE FOGO ----- **FOGUINHO**
O DIMINUTIVO DE ONDA ----- **ONDINHA**
ACIMA DA PANTURRILHA E ABAIXO DA COXA TEMOS O ----- **JOELHO**
O DIMINUTIVO DE LIXO ----- **LIXINHO**
QUANDO LIGAMOS O CHUVEIRO VAMOS TOMAR UM ----- **BANHO**
O DIMINUTIVO DE CASA ----- **CASINHA**
O DIMINUTIVO DE DEDO ----- **DEDINHO**
O DIMINUTIVO DE BEBÊ ----- **BEBEZINHO**
QUAL É O NOME DAS CARTAS QUE JOGAMOS TRUCO -----**BARALHO**

LISTA DE PALAVRAS ESCOLHIDAS PELO PESQUISADOR.

PERIQUITO	MAMÃE	OLHO	NARIZINHO
ONCINHA	FLORES	DEDINHO	VOVÓ
PIÃOZINHO	CRAVINHO	TOALHA	ABELHA
SAPINHO	JANELA	FOLHA	NENEZINHO
BEBEZINHO	LIXINHO	CASINHA	RATINHO
GALINHO	ONDINHA	GALINHA	COELHO
PASSARINHO	PALHA	ORELHA	OVELHA
BOMBONZINHO	TELHADO	COLHER	ALHO
ESPELHO	FOGUINHO	TELHA	PILHA
BARALHO	PIOLHO	MOLHO	BARULHO
GATO	BRILHO	RATO	REPOLHO
MOCINHO	SAPATINHO	GATINHO	PEZINHO
CARANGUEJINHO	LUA	MILHO	BLUSA
BODINHO	PAPAIZINHO	PALHAÇO	VERMELHO
CHAPEUZINHO	JOELHO	NINHO	CARRINHO
LINHA	SONHO	UNHA	BANHO

VARIANTES ENCONTRADAS.

INFORMANTE A/F = (NH)	Chapeuzin, sapin, bodin, uinha.
INFORMANTE L/F = (NH)	Chapeuzin, bodin, ratin, galin, narizin, pássarin.
INFORMANTE S/F = (NH)	Chapeuzin, pezin, sapin, bodin, ratin, foguin, carrin, narizin, pássarin, periquitim, matim, direitim, soinho, bainho.
INFORMANTE V/F = (NH)	Soinho.
(LH)	Teiado.
INFORMANTE J/F = (NH)	Bolin, bainho.
INFORMANTE S/M = (NH)	Pezin, sapin, piquinin, bodin, mocin, ratin, foguin, carrin, galin, gatin, pássarin, nin, uinha.
(LH)	Teia, paiaço.
INFORMANTE R/M = (NH)	Chapeuzin, soinho.
INFORMANTE A/M = (NH)	Chapeuzin, ratin, carrin, galin, narizin, pintin, bainho.
INFORMANTE J/M = (NH)	Chapeuzin, carrin, bainho, soinho, uinha.